

Brasil deve aproveitar novas frentes competitivas, diz Barros de Castro

De Brasília

A China, mais que um novo motor de crescimento econômico, traz uma mudança profunda na economia mundial, e o Brasil é um dos países mais bem situados para aproveitar as novas tendências, garante o economista Antônio Barros de Castro, assessor especial da diretoria do BNDES. Ele lembra que a emergência da China está mudando os preços relativos, o perfil e a forma de atuar das empresas capitalistas, os mecanismos de progresso técnico, entre outras tendências. O Brasil deve aproveitar novas frentes competitivas, como a indústria do petróleo e gás e a do biocombustível, e setores tradicionais terão de se "repositionar", alerta.

Barros de Castro, que não participa da definição da atual política industrial brasileira; apesar de ser um dos principais especialistas em desenvolvimento, coordena no BNDES um grupo encarregado de dissecar o êxito chinês e avaliar as respostas possíveis do Brasil ao fenômeno. Ele constata características, no Brasil, que permitem ao país aproveitar as novidades do modelo de produção desenvolvido na Ásia e tirar partido das vantagens brasileiras em matéria de recursos, estrutura industrial e mercados.

"O mundo vinha claramente evoluindo na direção da economia do conhecimento", comenta. "O progresso técnico se guava pela busca de preços-prêmio, que garantem grandes retornos; resultantes de produtos com novas propriedades, novo design", ex-

plica. Esse modelo foi alterado pelo sucesso da estratégia da China, com a atração de empresas multinacionais, a princípio beneficiadas pelo baixo custo de mão-de-obra, e o desenvolvimento de empresas locais com apoio estatal, os "dragõezinhos", como os chama Barros de Castro.

Esses "dragõezinhos", com menor acesso aos mercados externos e mais voltados à emergente massa de consumidores na China, têm propriedades novas, que ditam as novas tendências na economia mundial. Elas se reúnem em distritos industriais de dimensões "chinesas", superiores às de outros países, com compartilhamento de tecnologias e grandes economias de escala; mantêm íntima relação com os centros de pesquisas e têm forte apoio do Estado, que força associações com empresas estrangeiras e não interfere na gestão, mas determina metas e dá estabilidade aos negócios.

Uma das principais consequências da atuação dessas empresas chinesas foi o desenvolvimento de métodos de produção e distribuição assentados no baixo preço final, adotando conhecimento de ponta ou tecnologias primitivas compensadas com custo barato de mão-de-obra. Esse pragmatismo permitiu grande variedade de produtos, adaptados às condições do mercado, e gerou uma forte redução dos preços de bens de consumo, para atender à classe média chinesa que recebe 120 milhões de membros a cada nova década.

A queda dos preços dos manufaturados, que baixou o preço dos aparelhos de CD, por exem-

plio, de US\$ 300 a US\$ 30, permite a venda aos consumidores de baixa renda da China, mas também aos da África, ou do Brasil, e libera os orçamentos familiares para maiores gastos com comida, energia elétrica, água, ou outros produtos, como borracha natural. "Não cabe dúvida de que o deslocamento para cima dos preços de um número crescente de matérias-primas é para durar", prevê Barros de Castro. "Por trás dele está essa mutação chinesa e o fato de que ela tem tudo para durar décadas."

Ao contrário de países que sofreram com esse aumento nos preços de matérias-primas, o Brasil, diz Barros de Castro, é dono de "bilhetes premiados", com vastos recursos naturais, em um mundo onde a China subverte a lógica, ao comprar caro e vender barato, com crescimento econômico. Tanto a exploração das reservas de petróleo e gás quanto o uso da cana-de-açúcar para produção de etanol e energia tendem a aproveitar a crescente demanda mundial, e a gerar enorme demanda por produtos e serviços dentro do Brasil, inclusive máquinas, peças e softwares, diz ele.

No caso dos biocombustíveis e alimentos, como leite e carne, o Brasil investe em avanços tecnológicos que poderão reduzir os custos de alimentos e de energia produzida de fontes renováveis, além de abrir novos mercados, como fez a China com produtos industrializados. O BNDES já registra três grandes projetos, da ordem de US\$ 2 bilhões, para produção de materiais plásticos a partir do açúcar de cana, relata Barros de Castro. (SL)